



UMA ANÁLISE DA SÉRIE DE REPORTAGENS “MENINOS CONDENADOS”, DO JORNAL ZERO HORA SOB A ÓTICA KANTIANA

Catia Simone Pinto Sandri

RESUMO

Este artigo trata da análise de uma série de reportagens publicadas pelo jornal **Zero Hora (ZH)** entre 22 e 31 de janeiro de 2012, que revela a história de 162 vidas que se cruzaram há 10 anos, no dia 1º de janeiro de 2002, na **Comunidade Sócio-educativa (CSE)**, uma das mais problemáticas casas de abrigo de menor infrator da, à época denominada, **Fundação Estadual do Bem-estar do Menor (FEBEM)**, hoje (**Fundação de Atendimento Sócio-educativo) FASE**. Os repórteres Adriana Irion e José Luís Costa realizaram um levantamento estatístico que revela que, dos 162 jovens, 135 foram presos sob suspeita de terem cometido crimes; 114 foram condenados; 55 estão presos e 48 morreram, apontando ao final que apenas 2 afastaram-se do crime e levam uma vida digna ao lado da família. A matéria jornalística consistente e objetiva vai muito além da abordagem de histórias de violência na sociedade brasileira, é o retrato da falência do sistema em recuperar jovens infratores e reinserí-los na sociedade como homens de bem. Sugere-se um comparativo com o sistema pedagógico de atendimento ao jovem infrator e a antropologia moral de Kant. Uma vez que Kant afirma que "o homem, afetado por tantas inclinações, é, na verdade, capaz de conceber a idéia de uma razão pura prática, mas não é tão facilmente dotado da força necessária para a tornar eficaz *in concreto* no seu comportamento" devemos analisar a implementação das máximas de comportamento pela educação e pelo cultivo do espírito, o que nos levará às teses de uma virtude ensinada ao jovem que, posteriormente, aprenderá a fazer uso da sua liberdade. Este estudo, divide-se em quatro itens, uma breve introdução, uma abordagem acerca das matérias publicadas na série de reportagens do jornal **ZH**, denominada “Meninos Condenados”, a questão da educação dentro dos abrigos de menores infratores e uma breve análise da pedagogia proposta por Kant, especialmente na obra *Sobre a pedagogia*, na qual se privilegia os estágios da educação, tendo destaque a importante questão da formação do caráter, encerrando com uma breve conclusão.

Palavras-chave: Educação do Menor Infrator - Filosofia da Educação – Ética e moral kantiana – Didática ética.

ABSTRACT

This article deals with the analysis of a series of reports published by the newspaper Zero Hora (ZH) between 22 and 31 January 2012, which reveals the story of 162 lives that have crossed 10 years ago, on 1 January 2002, the Community Partner- education (CSE), one of the most problematic houses under the juvenile offender at the time called, State Foundation for the Welfare of Children (FEBEM) today, Foundation of Social and Educational Care (FASE). Reporters Irion Adriana and Jose Luis coast conducted a statistical survey that shows that the 162 youths, 135 were arrested on suspicion of having committed crimes, 114 were convicted, 55 are arrested and 48 killed, pointing to the end that only two moved away crime and lead a dignified life to the side of the family. The news story consistent and objective approach goes beyond the stories of violence in Brazilian society, is the picture of system failure in retrieving young offenders and reintegrate them into society as good men. It is suggested a comparison with the educational system of care to the young offender and Kant's moral anthropology. Since Kant says that "man, affected by so many inclinations, is actually able to conceive of a pure practical reason, but not so easily endowed with the strength to make it effective in their behavior" we analyze the implementation of the tenets of behavior by education and cultivation of mind, which will take us to

the thesis of a virtue taught to the young man who subsequently learn to make use of their freedom. This study is divided into four items, a brief introduction, an approach about the number of articles published in the newspaper ZH reports, called "Boys Damned", the issue of education within the shelter of juvenile offenders and a brief analysis of pedagogy proposed by Kant, especially in the work On the pedagogy, which focuses on the stages of education, and highlight the important issue of character formation, concluding with a brief conclusion.

Keywords: Education Minor Offender - Philosophy of Education - Kantian Ethics - Teaching Ethics.

Introdução

Uma série de reportagens iniciada em 22 de janeiro de 2012, por uma equipe do jornal Zero Hora, evidencia que o modelo falido e ainda preservado pelo poder público na tentativa de recuperar jovens delinquentes, não só fracassa como devolve o adolescente à sociedade ainda mais degradado. As chamadas medidas sócio-educativas em regime fechado, cumpridas ainda hoje na Fase, em quase nada diferem das que caracterizavam a antiga Febem. A partir de entrevistas com os ex-internos, familiares, informações da Justiça e de outros órgãos oficiais, os repórteres Adriana Irion e José Luís Costa acompanharam a trajetória dos 162 jovens, que estiveram reunidos em 1º de janeiro de 2002, na Comunidade Socioeducativa (CSE), uma das mais conturbadas casas da então Fundação Estadual do Bem-estar do Menor (Febem), hoje Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (Fase).

O trabalho de apuração, que ocorreu em períodos intercalados entre 2009 e 2011, mostra que o caminho da maior parte deles foi a volta ao crime. Os números demonstram que o infrator privado da liberdade tem sua situação agravada depois da internação, volta a cometer delitos e, quando adulto, galga degraus mais altos na delinquência. Passados 10 anos, a revelação do destino desse grupo de adolescentes aponta a morte de um em cada quatro, sendo que, dos 48 mortos, 41 tiveram morte violenta, o que representa 25,3%. A título de comparação, no Brasil, em 2010, o percentual de morte violenta entre a população jovem (15 a 24 anos) foi de 0,08%, segundo dados do IBGE. Dentre os principais motivos da morte precoce, o crack foi o responsável por pelo menos 27 mortos. Alguns morreram em confronto com a polícia no ato do crime, mas a maioria foi executada a tiros por desafetos, brigas, dívidas, vinganças ou queima de arquivo. A história de vida desses adolescentes revela que cresceram em ambiente hostil, fruto de relações conturbadas, tragédias familiares, foram vítimas de abandono, violência e abusos, na maioria dos casos, por quem deveria protegê-los.

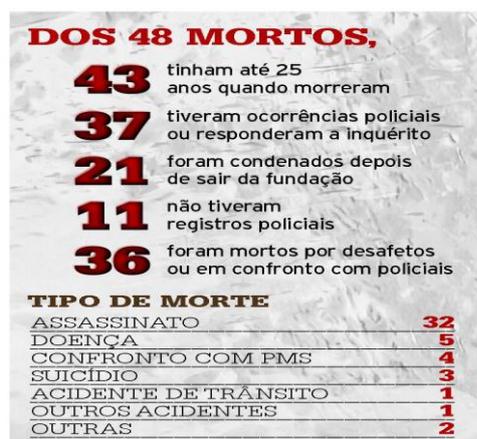
Série Meninos Condenados: uma investigação da situação dos menores infratores

A complexidade do estudo, a busca por informações precisas ao longo de uma década e a análise dos dados apresentados na série de reportagens do jornal ZH, dá ao trabalho a possibilidade de ser comparado a uma pesquisa acadêmica. A partir desses dados, vem a constatação de que, na maioria dos casos, os menores infratores do passado são os presidiários de hoje, com o acréscimo de crimes cometidos e técnicas diferenciadas e mais “profissionais” de transgressão. Assim, a passagem da FASE para a penitenciária, instituição que deveria regenerar, torna-se a escola do crime e garante a continuidade da violência e da marginalidade. Este ciclo de conseqüências expõem a incapacidade do sistema de recuperar os delinqüentes e de oportunizar a reinserção na sociedade, a falta de políticas públicas específicas, que os preparem no sentido psicológico, educacional e profissional para dar continuidade à vida longe dos tutores, da família e, muitas vezes, sem lar, e especialmente, a ausência de métodos de ensino da educação e da formação do caráter e da conduta moral.

Para o psiquiatra Ruben Menezes, quanto antes o jovem receber a educação moral e a orientação para o bem, maiores as chances de regeneração. Há 17 anos, ele atende no Instituto Psiquiátrico Forense (IPF) a pessoas que cometeram crimes por distúrbio mental e explica que o “cérebro tem fases de maturação, ele vai evoluindo por etapas. O senso moral vai se formando antes dos 15 anos. Tem certas situações que se a pessoa tiver comportamento delituoso antes dos 15 anos, a chance de se tornar um psicopata, um adulto antissocial, é muito alta”.

Mas a realidade que se vê na Fase, em se tratando de acompanhamento e regeneração, no entanto, é contrária às recomendações do psiquiatra. Os jovens são depositados nos abrigos, onde dificilmente têm acesso à escola e à profissionalização, mantêm muito pouco contato com os familiares, às vezes nunca mais os vêem, não recebem afeto e muitos são tratados com medicamentos controlados, que alteram seu comportamento, mantendo-os sedados para controlar seus impulsos de agressividade. Há falta de estrutura adequada, escassez de pessoal, superlotação, agressões e carência de atividades sócio-educativas. Ao completarem a idade máxima de permanência na instituição, são devolvidos à sociedade, sem educação, sem receber a formação de valores, sem profissionalização, sem preparo emocional e sem acompanhamento para enfrentar as adversidades inerentes ao mundo lá fora.

O quadro baixo retrata a trajetória de 48 dos 162 jovens visitados em 2002:



Quadro 1- causa da morte dos 48 jovens que estavam entre os 162 visitados pela equipe de ZH em 2002

Além do estudo comparativo da trajetória dos 162 jovens que estavam na CSE há 10 anos, e que aponta que apenas 2 resistiram sem ter outros envolvimento com o crime, a série de reportagens de ZH fez o levantamento dos índices de reincidência no crime e regeneração de 167 jovens egressos da Comunidade Sócio-educativa (CSE) em 2009 e 2010, e detectou que 91% já voltaram a responder por suspeita de crimes. Passaram por prisões 117 deles, dos quais 72 ainda estão presos. Sete foram assassinados. Dos que foram mortos, seis respondiam a procedimentos policiais, sendo que um tinha condenação por roubo. Do total de 167 ex-internos, apenas 10 não voltaram a ter ocorrência ou inquérito policial.

O quadro comparativo abaixo mostra a situação dos jovens visitados em 2002 e dos visitados em 2009 e 2010:

QUADRO COMPARATIVO

	2002	2009 e 2010
Ex-internos	162	167
Tiveram ocorrências, inquéritos, TCs, prisões ou condenações	149	152
Presos atualmente	55	72
Mortos	48	7
Sem procedimentos policiais	2	10



Quadro 2- comparativo da situação dos 162 jovens internos em 2002 e dos 167 internos em 2009 e 2010

A omissão do poder público, da mídia e da sociedade na gravidade da rotina instalada nos abrigos de menores cria uma cegueira coletiva, fazendo com que as mazelas da marginalidade e da criminalidade se proliferem às escuras, e, assim, o assunto é banalizado

até o dia em que um dos jovens comete um delito grave, tirando a vida de um indivíduo inocente, uma pessoa do bem. Nesse dia, o assunto espetacularizado, cria-se uma áurea de telenovela, é destaque nas páginas dos jornais, nos comentários dos telejornais, nas principais notícias da internet, as imagens são divulgadas nas redes sociais... A imprensa faz um apanhado da vida da vítima, os sonhos interrompidos, o sofrimento dos familiares. Atônitos com a maldade e a crueldade do crime, horrorizados com a vulnerabilidade da sociedade, todos exigem providências do poder público, a mídia divulga o aumento nos percentuais de violência, o índice de reincidência dos crimes cometidos por adolescentes infratores, os gastos públicos com as instituições de atendimento ao menor e toda a informação que possa fazer com que o telespectador/leitor se enfureça com o sistema e se revolte com a impunidade. As autoridades vão a público dizer o quanto investem na recuperação dos menores, acusam as deficiências da lei, a falta de policiamento e prometem novos investimentos em segurança. A polêmica e o jogo de empurra passam longe da raiz do problema, a causa é desprezada, enquanto a discussão gira em torno da consequência e das providências para garantir que o criminoso seja julgado, punido e cumpra a pena bem longe dos nossos olhos. E assim, a vida segue, o círculo vicioso se mantém e nada se resolve.

Atualmente, a sociedade discute a redução da maioridade penal para os 16 anos (hoje fixada em 18 anos, conforme o artigo 228 da Constituição), idade em que, diante da lei, um jovem passa a responder inteiramente por seus atos, como cidadão adulto. É a idade-limite para que alguém responda na Justiça de acordo com o Código Penal, já que o menor é julgado pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Este é um tema delicado e que exige análise da situação e bom senso para que a sociedade e as autoridades possam confrontar a realidade do jovem infrator, considerando a complexidade do assunto e as condições em que este cenário se desenvolve.

A recente pesquisa "Retratos da Sociedade Brasileira: Segurança Pública", feita pelo Ibope, e divulgada em outubro de 2011 pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), afirma que ao menos quatro entre cinco brasileiros concordam com a redução da maioridade penal para 16 anos, 75% dos entrevistados mostram-se totalmente a favor da medida e parcialmente a favor, 11%. Os que são contrários, total e parcialmente somam 9% (foram entrevistados 2.002 eleitores de 16 anos ou mais, em 140 municípios do País).

Dentre os principais argumentos de quem é a favor está o grau de periculosidade dos menores, que cometem crimes bárbaros e não recebem a punição adequada. Já os contrários

acreditam que a redução será ineficiente, uma vez que impelirá jovens cada vez mais novos a serem cooptados pelo mundo do crime; e afirmam que levar os jovens, que não têm sua personalidade formada e que não receberam educação moral para o convívio nas penitenciárias com criminosos mais experientes e de alta periculosidade só irá aumentar a violência e contribuir para a continuidade do crime. Para eles o País precisa investir mais em políticas públicas e criar oportunidades para que os jovens possam ter a escolha de trilhar um caminho digno, longe da marginalidade, que recebam educação e profissionalização antes de deixar o abrigo e que existam políticas de parceria com órgãos empresariais para que estes jovens sejam encaminhados ao mercado de trabalho, assim que estiverem preparados.

Breve abordagem da pedagogia Kantiana na formação do indivíduo

Aqui, chegamos à proposta principal desse artigo: discutir, analisar e identificar as condições de abrigamento nas instituições, partindo da ótica Kantiana sobre pedagogia e educação, levantando as possibilidades de melhoria do sistema, a fim de oportunizar ao jovem as condições favoráveis para a regeneração e a preparação para uma vida digna.

Em *Sobre a Pedagogia*, Kant afirma que "A única causa do mal consiste em não submeter a natureza a normas. No homem não há germes senão para o bem" (KANT, 2002b, p. 24). O filósofo propõe que a educação deve disciplinar para impedir que a selvageria, a animalidade, prejudique o caráter humano, pois, do contrário, se nada se opõe na infância e na juventude, o indivíduo conservará uma selvageria a vida toda. Para isso, Kant recomenda que o processo educativo inclua disciplina, educando a criança para a obediência, tanto das normas, quanto dos princípios que o indivíduo deve cultivar, e ressalta que a infância é uma etapa da vida que necessita de cuidados próprios, contrariando o pensamento de que a criança é um adulto em miniatura, reflexão que transformou a educação nos séculos XIX e XX.

O filósofo acreditava que era por meio do melhoramento da educação que o homem iria também, progressivamente, atingir níveis de desenvolvimento cada vez mais altos: "A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor

aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino” (p. 19). Kant diferencia a natureza humana quando analisa o comportamento do indivíduo em relação aos outros animais, e afirma que “O homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação. Conseqüentemente, o homem é infante, educando e discípulo” (p.11). Para Immanuel Kant, diferente dos demais animais, que logo que começam a sentir sua força, usam-na de tal maneira que não se prejudicam a si mesmo, o homem tem necessidade da sua própria razão. Não tem instinto, precisa formar por si mesmo o projeto de sua conduta. Entretanto, por ele não ter a capacidade imediata de o realizar, mas vir ao mundo em estado bruto, outros devem fazê-lo por ele. Assim, Kant afirma que “o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz”.

Ao descrever os estágios e as divisões da educação, Kant nos inspira a pensar uma educação para a autonomia que busque desenvolver as capacidades do educando para que tenha condições de perseguir as metas as quais se propõe livremente. O primeiro estágio é o cuidado, que lida com a criança puramente como uma parte da natureza e é relativo à primeira etapa da vida humana. Kant, com este estágio, trata "o cuidado que têm os pais para que as crianças não façam qualquer uso prejudicial das suas forças" (2002, p. 11). O cuidado é uma parte da "Educação Física" oposta à "Educação Prática", forma aquela parte da educação "que o ser humano tem em comum com os animais" (2002, p. 34). O segundo estágio é a disciplina ou o treinamento. Como o cuidado, a disciplina também é entendida como um estágio preliminar da própria educação e é extremamente necessária para que a vontade não seja corrompida pelas inclinações sensíveis. No entanto, a disciplina não pode tratar as crianças como escravos, elas precisam sentir sua liberdade, de modo que não ofendam os demais. O respeito à dignidade da criança sempre deve estar presente para que não se promova um simples adestramento. A vontade deve ser disciplinada para que possa se guiar pela razão e assim haja autonomia. Segundo Kant, "a disciplina transforma a animalidade em humanidade" (p. 12). Mas sabemos que "transformar" não significa "erradicar". Na realidade, disciplinar "significa procurar evitar que a animalidade cause danos à humanidade. (...) A disciplina é, portanto, meramente domar a selvageria" (p. 25).

O terceiro e último estágio da educação é a moralização, que, tal como posta em *Sobre a pedagogia*, não pode ser uma simples adição da cultura e da civilização. Ela envolve também uma passagem para o reino da liberdade que, logicamente, pressupõe os passos preparatórios da cultura e da civilização. Para Kant, a humanidade está ainda muito distante do estágio final da moralização, pois "vivemos em um tempo de treinamento disciplinar, de cultura e de civilização, mas de modo algum em um tempo de moralização" (p. 28). A rigor, todas as partes da educação visam basicamente a moralização, mesmo que os participantes individuais estejam agindo despercebidos deste objetivo maior em um nível pré-moral de cultura e civilização. O plano da natureza é "a perfeição do ser humano através da cultura progressiva" (p. 322) e, na maior parte do tempo, nós somos participantes inconscientes desse plano. Esta perfeição do ser humano, em Kant, implica a formação do caráter. O primeiro esforço da cultura moral deve ser lançar os *fundamentos do caráter*. Para Kant, o caráter consiste no hábito de agir segundo certas máximas. Estas são, em princípio, as da escola e, mais tarde, as da humanidade. Em *Sobre a pedagogia*, Kant mostra que quando se quer *formar o caráter* das crianças, urge mostrar-lhes em todas as coisas um certo plano e certas leis, que elas devem seguir fielmente. Isso porque Kant acredita na educação moral como fomentadora da confiabilidade entre os homens. Para ele, "os homens que não se propuseram certas regras não podem inspirar confiança; não se sabe como se comportar com eles" (p. 481).

A filosofia Kantiana como referencial para a educação dos menores infratores

A partir da análise dos dados da reportagem de ZH e da constatação da ausência de um método de ensino, de profissionalização e de formação do caráter, torna-se necessária a reformulação do modelo de educação do sistema implantado nos institutos sócio-educativos que atendem os jovens infratores. De acordo com a filosofia Kantiana, para formar um bom caráter, é preciso antes domar as paixões, para aprender a se privar de alguma coisa são necessárias coragem e uma certa inclinação. É preciso acostumar-se às recusas e à resistência. Mas não é só com abstinências que se forma um caráter. Kant assegura que este é formado também na sociabilidade, diz que o educando deve manter boas relações de amizade uma vez que apenas um coração contente é capaz de encontrar prazer no bem (2002, p. 82).

A etapa suprema da moralização, a ênfase em transformar o modo de pensar e fundar solidamente o caráter de alguém está presente em passagens de *Sobre a pedagogia*. O emprego do conceito de "formação moral" não é "metafórico", mas é direto e claro: Kant acredita que há um tipo de educação que pode ultrapassar as causas naturais e as circunstâncias temporais e chegar ao modo do agente pensar e ao seu caráter moral. A educação moral é bem-sucedida à medida que alcança esse objetivo.

Kant apresenta seu aval a uma experiência audaciosa em educação na qual, acredita ele, "estabelece-se de um modo radicalmente novo de acordo com o método genuíno". Tal método não deve "trabalhar contra a natureza". Ao invés disso, o método deve ser "sabiamente retirado da própria natureza e não copiado sem originalidade de um velho hábito e de épocas quando não houve experimentos". Então, "o bem ao qual a natureza propiciou a predisposição pode ser extraída dos seres humanos", e "nós, criaturas animais, seremos tornados seres humanos" através da educação apropriada (2002, p. 15). Se esse método educacional revolucionário fosse adotado "num período curto nós veríamos seres humanos muito diferentes ao nosso redor".

Referências Bibliográficas

- ABRAMO, H. W. & BRANCO, P.P.M. (org.). **Retratos da Juventude Brasileira** – Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005;
- ECA – **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Lei n ° 8.069 de 13 de julho de 1990;
- MARCÍLIO, M.L. **História social da criança abandonada**. São Paulo: Hucitec, 1998;
- KANT, I. **Antropologia em Sentido Pragmático**. Trad. por José Gaos. Madrid: Alianza Editorial, 1991
- _____. **Crítica da Razão Pura**. Trad. por Manuela P. dos Santos & Alexandre F. Morujão. Lisboa: Fundação Kalouste Gulbenkian, 1989
- _____. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Trad. por Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. **A Metafísica dos Costumes**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2003

_____. **Sobre a Pedagogia**. 3. Ed. Trad. Francisco C. Fontanella. Piracicaba: Unimep, 2002.

Consultas na Web

PEREIRA, J. F. & COSTA, L. F. **O ciclo recursivo do abandono**, 2004. Disponível online em www.psicologia.com.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0207;

INSTITUTO AIRTON SENNA- **Programa Superação Jovem** – Disponível em:

<http://www.superacaojovem.org.br/programa/oquee.asp>;

<http://www.ibge.gov.br/home/>

<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/autonomia/autonomia/2.5.html>;

<http://conselhotutelarondeesta.blogspot.com/2012/01/prevencao-precoce.html>.

Links das reportagens do jornal Zero Hora

<http://wp.clicrbs.com.br/editor/2012/01/21/serie-de-zero-hora-vai-contar-o-destino-de-162-jovens-que-estiveram-na-ex-febem-ha-10-anos/>;

<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2012/01/de-162-jovens-internos-da-ex-febem-ha-10-anos-48-morreram-3639101.html>;

<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2012/01/91-de-ex-internos-da-fase-voltam-a-se-envolver-em-crimes-3646810.html>.